Livros Ficção:

A dança como violência social

Sai a nova edição de *Mas não se Matam Cavalos?*, de Horace McCoy, que virou filme com Jane Fonda

Luiz Carlos Merten

Considerado tão grande escritor quanto Ernest Hemingway ou William Faulkner, Horace McCoy virou um autor cultuado na França, onde seu livro de 1935, *Mas não se Matam Cavalos?*, ganhou instantânea consagração. Em seu país, os EUA, só muito tardiamente ele obteve reconhecimento. O livro, que vendeu míseros 3 mil exemplares, havia sido relegado ao esquecimento. Mas os próprios franceses, que o comparam a Hemingway e Faulkner, não fizeram a ponte mais óbvia, que seria relacionar *Mas não se Matam Cavalos?* ao suicídio como questão moral de uma das glórias da literatura de língua francesa, Albert Camus.

Para chegar a este livro, cujo cenário é uma maratona de dança – evento popularizado nos EUA durante a depressão econômica que se seguiu ao crack da Bolsa de Nova York, em 1929 –, é interessante examinar eventos da vida do autor. McCoy serviu na França, durante a 1ª Grande Guerra, tendo recebido a Cruz de Guerra do governo francês por um ato de bravura – em 1918, o piloto do avião em que estava foi morto. McCoy aterrissou a aeronave sozinho, impedindo que ela caísse sobre uma área habitada por civis. Era, portanto, um homem de ação quando decidiu se tornar escritor, após exercer a função jornalística no *Dallas Journal* e ajudar a fundar o *Dallas Little Theatre*. Em 1927, a lendária revista *Black Mask* publicou seu conto policial *The Devil Man*. A perda do emprego durante a depressão levou-o a tentar a sorte como ator em Hollywood e, depois, a aceitar um emprego numa maratona de dança, em Santa Mônica.

Foi o contato mais duro do jovem McCoy com a realidade – e o marcou tanto que ele utilizou o cenário para seu livro. Robert e Gloria formam a dupla de protagonistas. Depois de tentarem em vão seguir uma carreira em Hollywood, a exemplo do próprio McCoy, eles se alienam do mundo participando da maratona em troca de comida e a possibilidade de ganhar alguns trocados. Os EUA afundavam na crise, mas Hollywood fazia com que as pessoas dançassem na tela, por meio de musicais, como os coreografados por Busby Berkeley, com seus balés geométricos. McCoy recria no livro o reverso daquele prazer. Mostra a dança como sofrimento, baseado no que viu em Santa Mônica.

Sem alternativas de sobrevivência, homens e mulheres formavam casais para dançar dias seguidos, até cair – ou até que sobrasse um só par no salão –, sonhando com um patrocinador ou então que um olheiro de Hollywood aparecesse com propostas de estrelato. Ser a última dupla no salão era o objetivo, pois um só casal podia ser recompensado. Sob a aparência de uma atividade leve (e prazerosa), o que havia era agressividade e violência social. Neste quadro, Robert liga-se a Gloria e é a sua perdição. Uma velhinha da platéia – a sra. Layden – chega a adverti-lo, mas ela morre em seguida num tiroteio que irrompe no salão, quando uma liga de moralidade entra em cena para coibir o que parece uma indecência – mas sem nenhuma consciência do que representa a maratona para infelizes que são excluídos da vida social.

"Levante-se o réu" – a primeira frase do livro joga o leitor em pleno drama, pois Robert matou Gloria e agora está no tribunal, ouvindo a sentença proferida pelo juiz. Ela é decupada em frases que vão servindo de introdução para os 13 capítulos que compõem o relato, seguidos da frase final do magistrado, "... e que Deus tenha piedade de sua alma", dirigida a Robert, após o anúncio do dia e hora de sua execução. Escritos de maneira objetiva, por meio de frases curtas, como Hemingway gostava, os capítulos recriam o inferno da maratona e constroem Robert como um personagem frágil que será manipulado pela desesperança da Gloria.

REPRODUÇÃO



NO CINEMA – Jane Fonda em *A Noite dos Desesperados*, de Pollack



Mas não se Matam Cavalos?
Horace McCoy
L&PM
136 págs., R$ 12

O título vem do fato de que, para atrair o público, a maratona abriga um derbi, do qual os pares participam como cavalos numa corrida. Sem coragem de viver – e, menos ainda, de matar-se –, Gloria convoca o parceiro, seu único amigo, para que a liberte de seu suplício. O assassinato obedece, assim, a complexas razões de ordem moral, mas também pode ser visto como uma simplificação do conflito que é essencial no livro. Se os humanos podem ser tratados como cavalos pelo sistema econômico e social, por que não podem ser mortos como animais? Robert, afinal, não esquece um episódio de sua infância, quando o avô sacrificou a égua da família, Nellie, para poupá-la do sofrimento, quando fratura a pata. Por que não libertar Gloria de sua angústia?

Em 1969, 34 anos depois da primeira edição do livro, estreou a versão cinematográfica assinada por Sydney Pollack, com Michael Sarrazin e Jane Fonda nos papéis de Robert e Gloria. Chamou-se, no Brasil, *A Noite dos Desesperados*. Realizado na ressaca pós-Maio de 68, o filme se beneficiou do processo de radicalização política da estrela, que virou símbolo de protesto contra a Guerra do Vietnã, que dividia a sociedade americana da época. Como o livro, que foi descoberto na França, onde McCoy já era reverenciado – mas não exatamente como escritor –, o filme deu projeção internacional a Pollack, que já havia assinado cinco títulos mais ou menos obscuros. Na Europa, a partir da França, e nos EUA, *A Noite dos Desesperados* resgatou o autor e também virou objeto de um culto.

A primeira edição de *Mas não se Matam Cavalos?* no Brasil , pela antiga Editora Globo, de Porto Alegre, tinha tradução de Erico Verissimo. A Sá lançou outra edição, ainda em catálogo, com tradução de Renato Pompeu. A atual, pela L&PM, é de Irene Hirsch. A estrutura narrativa do texto difere da do filme – escrito por James Poe e Robert Thompson –, em que um prólogo mostra Robert menino, assistindo ao sacrifício de Nellie, e salta diretamente para o salão de danças, sem a intervenção do juiz no tribunal. Mc Coy escreveu outros livros, incluindo *Kiss Tomorrow Goodbye*, que Gordon Douglas transformou em filme, em 1950, com James Cagney – e o título brasileiro foi *O Amanhã Que não Virá*. McCoy morreu de ataque cardíaco, em 1955, aos 58 anos. Vivia em Hollywood, onde escreveu mais de 30 roteiros para os grandes estúdios, a maioria de westerns, mas também dramas. ●